



## Filosofia Líquida: Uma Breve Análise da Escola da Vida e de Alain de Botton na Incansável Busca do Bem-Estar<sup>1</sup>

Tatiana Amendola Sanches<sup>2</sup>

UNICAMP / FAAP

### Resumo

Este artigo tem como problema central debater o crescente fenômeno de popularização do discurso filosófico para um público leigo, por meio de produtos de consumo de filosofia pertencentes ao que é chamado aqui de filosofia líquida. Tem como objetos específicos a The School of Life, escola livre de filosofia com sedes espalhadas pelo mundo e com futuras sedes no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), e os livros de seu fundador, Alain de Botton. A proposta é fazer um panorama crítico da forma como a filosofia se insere no contexto sociocultural atual de modo a abordar terapêuticamente o sofrimento humano. Para a investigação proposta neste trabalho, algumas publicações são mais importantes do que outras. Dessa forma, o que direciona a análise não é a totalidade do objeto em si, que é amplo, mas o tema da discussão, que será exemplificado pela seleção de trechos de livros que compõem o objeto do trabalho.

**Palavras-chave:** Autoajuda; Filosofia; Alain de Botton.

*Qualquer argumentação filosófica que não tenha como preocupação principal abordar terapêuticamente o sofrimento humano é inútil; assim como a medicina não traz benefícios se não liberta os males do corpo, o mesmo sucede com a filosofia se não liberta das paixões da alma.*

Epicuro

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 6 Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais (UNICAMP), Mestre em Comunicação, Cultura e Sociedade (University of London), Bacharel em Ciências Sociais (USP), Professora na graduação da FAAP e Coordenadora na Pós-Graduação da FAAP. E-mail: tatianamendola@gmail.com.



A epígrafe acima está na contracapa da edição de 2001 (Rocco) do livro *Consolações da filosofia* e parece ter guiado todo o projeto profissional de seu autor, Alain de Botton. Nascido em 1969 na cidade de Zurich, na Suíça, ele é mestre em Filosofia pela Universidade de Londres (Kings College), tendo iniciado um doutorado em filosofia francesa pela Universidade de Harvard, trabalho que foi posto de lado para que se dedicasse aos livros voltados ao público não acadêmico, com a finalidade de fazer filosofia para a vida cotidiana.

De Botton publicou 14 livros até o ano de 2014: *The news: A user's manual* (2014), *Art as therapy* (2013), *How to think more about sex* (2012), *Religion for atheists* (2011), *A week at the airport* (2010), *The pleasures and sorrows of work* (2009), *The architecture of happiness* (2007), *Status anxiety* (2004), *The art of travel* (2003), *The consolations of philosophy* (2000), *How proust can change your life* (1997), *Kiss & tell* (1997), *The romantic movement* (1994) e *Essays in love* (1993).

Algumas dessas obras são, resumidamente, interpretações simplificadas de teorias e pensamentos filosóficos e sua possível aplicabilidade para lidar melhor com certos dilemas da vida moderna relacionados, por exemplo, ao amor e à vida profissional. Outras, as recentes, são mais autorais, ou seja, nelas Alain de Botton oferece suas ideias e opiniões sem abrir mão do diálogo com o pensamento de filósofos consagrados e conhecidos. Quase todos os livros – explícita ou implicitamente - buscam responder a perguntas que se iniciam com a palavra *como*: *Como lidar com o desejo de status? Como lidar com a falta de fé? Como lidar com os problemas do amor? Como ser feliz? Como lidar com a falta de dinheiro? Como lidar com a frustração e a inadequação?* São estas, enfim, as questões que permeiam os livros de De Botton. As respostas oferecidas estariam ancoradas sobretudo na filosofia, mas também na literatura, na arquitetura e na religião, e teriam como proposta ajudar os sujeitos a viver bem.

A busca de uma vida bem vivida está diretamente relacionada à imperativa conquista do bem-estar no mundo contemporâneo. Esse anseio, não por acaso,



convive com a ideia de estarmos vivendo o mal-estar na civilização (FREUD, 1929), o mal-estar no pós-modernismo (KAPLAN, 1993) e o mal-estar da pós-modernidade (BAUMAN, 1998) ou, ainda, para aqueles que repudiam a expressão pós-moderno, estaríamos vivendo as consequências da radicalização da modernidade (GIDDENS, 1991) – todas elas, de certa forma, assinalam o mal-estar:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, P. 10)

Entende-se como “vida bem vivida”, numa oposição aos males decorrentes da vida moderna, resumidamente: a busca de segurança individual e prazer. A modernidade teria nos condenado à dura responsabilidade de escolha conquistada com a liberdade:

A amarga experiência em questão é a experiência da liberdade: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda a escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha, do constante medo de impedir as futuras e, no entanto, imprevisíveis possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer. E a mensagem que surge dessa experiência é: não, o indivíduo humano não é autossuficiente e não pode ser autoconfiante. (BAUMAN, 1998, p. 227).

Alain de Botton conhece bem os anseios de seu público-alvo, já que deve ter familiaridade com todos os teóricos citados aqui. Assim, ironicamente, oferece produtos que resultam da demanda decorrente do mal-estar que nos cerca: curadoria para esse indivíduo que não é autossuficiente e nem tão pouco autoconfiante. A pergunta que os livros de Alain tem a pretensão de responder dialoga diretamente com o mal-estar da civilização, vendendo soluções para uma vida melhor e para o resgate



do bem-estar; bebendo na fonte da filosofia antiga, escrita em um momento que antecederia todo o referido mal-estar.

O segundo livro citado, *Arte como terapia*, que também deu origem a um site (o livro é uma versão mais ampla, mas menos interativa)<sup>3</sup>, tem como proposta pensar a arte como forma de cura para certas aflições do homem moderno. Já o site é uma ferramenta que pode ser usada para curar problemas relacionados ao amor, ao self, ao trabalho, à política, à ansiedade e ao tempo livre:

Essa é uma ferramenta para colocar você em contato com algumas obras de arte que são de grande ajuda para enfrentar certos problemas. Acreditamos que o objetivo da arte, de modo geral, é oferecer assistência terapêutica; a arte deveria nos ajudar a encarar e aproveitar nossas vidas.<sup>4</sup>

Cada palavra sugere alguns problemas. A palavra amor, por exemplo, apresenta os problemas “eu quero terminar”, “pode durar para sempre?”, “sexo deve me definir?”, “sexo e decência não se misturam” e “eu gostaria de encontrar alguém legal”. A palavra trabalho leva aos problemas “meu trabalho é muito banal”, “eu gostaria de ser mais criativo”, “você tem que ser duro para fazer o trabalho”, “eu não posso bancar coisas legais”, “eu não consigo me concentrar”, e assim por diante.

O usuário deve clicar na palavra-chave do seu problema, por exemplo, *self*, e em seguida escolher a frase que mais tem a ver com o problema, como “I don’t understand myself”. Na sequência, é direcionado a uma imagem de uma obra de arte, uma breve explicação da obra e como ela poderia servir como cura para aquele problema inicial.

Dessa forma, a arte é vista como algo que tem uma finalidade, algo instrumental. Os sujeitos não são convidados a apreciar a arte em si mesma, nem mesmo a arte como representação do mundo, tampouco a arte em seu caráter político

<sup>3</sup> Arte como terapia, disponível em <http://www.artastherapy.com/>, acesso em novembro de 2014.

<sup>4</sup> Tradução livre de texto disponível no site [www.artastherapy.com](http://www.artastherapy.com).



e transformador; mas são convidados a usar a arte como remédio para certos males que deveriam ser curados. Como decorrência disso, dois problemas se colocam: em primeiro lugar, o site e o livro apontam para a instrumentalização da cultura; em segundo, subentende-se que os problemas que o indivíduo enfrenta – como não compreender a si mesmos – devam ser curados apontando, conforme já pensado por Tucherman, para a medicalização da subjetividade (2012), que não é tema novo nos estudos da autoajuda.

Freire e Filho (2010) pensam o imperativo da felicidade como um poderoso leitmotiv cultural que constrange qualquer manifestação de tristeza, desencanto e insatisfação, decorrentes do mal-estar existencial que deve ser repellido a todo custo. Rudiger (1996) também pondera acerca do que ele chama de “empresas de engenharia da alma”, que recorrem a diversas mídias para ajudar os sujeitos na busca de autorrealização.

O site e o livro são expressões da busca pela felicidade imperativa que oferecem não apenas “engenharia da alma”, mas um *app* que conta com um suposto “mestre” da vida na tentativa da busca de paz interior, confiança e serenidade.

Se pensar a arte como terapia já soa um pouco incômodo, o livro *Como pensar mais sobre sexo* vai além na pretensão terapêutica e pensa a filosofia como terapia sexual. São dois capítulos: “Os prazeres do sexo” e “Os problemas do sexo”, divididos em vários subcapítulos. Todos têm como pretensão fazer uma “reflexão” sobre o assunto sexo de forma filosófica, como no capítulo que trata dos fetiches e explica como certos objetos nos excitam. O autor, de forma clichê, evoca Platão para explicar a atração por outras pessoas.

Nesse mesmo livro, o autor deixa claro o que ele propõe em termos de uma “real e funcional autoajuda”, demonstrando, assim, uma tentativa de distinção entre a filosofia de De Botton e outras formas de autoajuda, o que para ele poderia ser comparado à diferença entre um hospital e um hospício. Ou seja, enquanto a filosofia



de autoajuda praticada pelo autor ofereceria consolações, a autoajuda “inútil” tentaria, em vão, resolver ou eliminar problemas:

A useful self-help book on this subject ought hence to focus on the management of pain rather than its outright elimination; we should hope to find a literary version of a hospice, not a hospital. Yet though we cannot expect books to dissolve away our problems, they can provide opportunities for us to discharge our sadness and discover a communal confirmation of our woes. (2012, pos. 99 de 1535)

Cria-se então um discurso de superioridade do tipo de filosofia de autoajuda proposta por De Botton em relação ao tipo de literatura classificado pelo autor como inútil.

Em um de seus mais recentes livros, De Botton segue propondo uma autoajuda útil para aqueles que não encontram na fé respostas para as grandes questões da vida. Tal proposta não estaria ancorada na filosofia, mas na religião. *Religião para ateus* parte do princípio de que as religiões, da mesma forma que os filósofos, funcionam como consolos para demandas universais e eternas, e que os ateus poderiam se beneficiar de alguns recursos das religiões, mesmo não tendo fé. Segundo De Botton, certos males da vida secular deveriam ser mitigados com a ajuda de alguns aspectos da religião. Dos dez capítulos, nove se referem aos grandes legados das religiões, cujos benefícios podem ser proveitosos para os ateus: comunidade, gentileza, educação, ternura, pessimismo, perspectiva, arte, arquitetura e instituições. Assim, por exemplo, no capítulo sobre ternura, Alain de Botton pontua que o ateísmo não sabe lidar com a carência de ternura:

Em contraste com a religião, o ateísmo é propenso a parecer friamente impaciente com nossa carência. O desejo de conforto que existe no cerne do culto a Maria parece perigosamente regressivo e em conflito com o envolvimento racional com a existência, do qual os ateus se orgulham (2011, p. 143).



No livro *A arquitetura da felicidade* é na arquitetura que De Botton procura formas de autoajuda: a filosofia aparece como algo “acidental”, descrevendo (e prescrevendo) modos de viver. Em alguns momentos, ele cita outros filósofos, mas na maior parte do livro faz sua própria filosofia, tendo, como tese central, a ideia de que a arquitetura pode, também, oferecer a felicidade ideal, aquilo que quereríamos ser. O livro parece fazer uma referência ao documentário *Arquitetura da destruição*, dirigido pelo cineasta Peter Cohen, que trata do uso da arte e da estética pelo nazismo. Numa analogia simplificada com o título do filme, De Botton propõe o uso da arquitetura para o oposto daquilo que seria destrutivo, para a busca da felicidade.

Em *Desejo de status*, outro livro, os capítulos são divididos em dois grupos: causas e soluções. Segundo o autor, haveria cinco causas e cinco soluções para o desejo de status: as causas seriam falta de amor, esnobismo, expectativa, meritocracia e dependência; as soluções, filosofia, arte, política, cristianismo e boemia. No capítulo Filosofia, que é o que interessa mais para pensar o objeto deste trabalho, o autor pontua:

Na península grega, no início do quinto século a.C., surgiu um grupo de indivíduos, muitos deles barbudos, que eram singularmente livres do desejo de status que atormentava seus contemporâneos. Esses filósofos não se deixavam perturbar pelas consequências psicológicas e materiais de uma posição humilde na sociedade; permaneciam calmos diante de insultos, da desaprovação e da penúria. (2005, p. 120)

Verifica-se nesse trecho uma idealização do modo de vida dos filósofos como algo que deveríamos almejar em plena radicalização da modernidade e da sociedade consumista e capitalista. No trecho acima, não se faz nenhuma referência ao momento e ao contexto histórico em que os “barbudos livres do desejo de status” viviam, como se o mundo contemporâneo e o mundo antigo não carregassem diferenças significativas (qualitativas e quantitativas, afinal são no mínimo 2 mil anos de diferença) que tornassem intransponível o ideal de modo de vida calmo e livre de tormentas dos “barbudos”. Ora, espera-se que o leitor, tido como um perdedor por não



conseguir desprender-se do seu desejo de status, não se deixe perturbar pelas consequências psicológicas e materiais de uma posição humilde. Como se não bastasse, espera-se que permaneça calmo diante da desaprovação e penúria!

O livro *Consolações da filosofia* é um dos mais pertinentes para a discussão proposta aqui. Para o autor, seriam seis as consolações que a filosofia poderia trazer para a vida, divididas em seis capítulos: “Consolação para a impopularidade”, “Consolação para quando não se tem dinheiro”, “Consolação para a frustração”, “Consolação para a inadequação”, “Consolação para um coração partido” e “Consolação para as dificuldades”. Da mesma forma, são seis os filósofos chamados a consolar: Sócrates, Epicuro, Seneca, Montaigne, Schopenhauer e Nietzsche.

Nesse livro, Alain de Botton afirma buscar consolo nos ensinamentos dos grandes filósofos citados acima. Para lidar com a frustração, o leitor é convidado a refletir com Seneca, por exemplo:

Uma única tese permeia toda sua obra: suportamos melhor as frustrações para as quais nos preparamos e que compreendemos e somos atingidos principalmente por aquelas que menos esperamos e não conseguimos entender. (2001, p. 96)

O leitor também é levado a se preparar para as frustrações, criando menos expectativas, como forma de consolo para elas.

De forma semelhante, no livro *Como Proust pode mudar sua vida*, há nove capítulos que evocam Proust: “How to love life today”, “How to read for yourself”, “How to take your time”, “How to suffer successfully”, “How to express your emotions”, “How to be a good friend”, “How to open your eyes”, “How to be happy in love”, “How to put books down”. No primeiro capítulo, “How to love life today”, De Botton nos apresenta uma série de possibilidades de “aplicação prática” (entende-se aqui o uso do livro para a construção do bem-estar já abordado anteriormente) da leitura de Proust. Nas palavras do filósofo, o livro *Em busca do tempo perdido* seria





uma história universal, aplicável e prática sobre como “parar de perder tempo e começar a apreciar a vida” (1999, pos. 8 de 197). O autor chama ainda o clássico livro de Proust de “guia proustiano”, visto que os capítulos têm como pretensão fazer uma reflexão de como a vida e a obra de Proust nos ensinam a lidar com uma série de problemas da vida cotidiana expressos na palavra como repetidamente presente no título e em todos os capítulos do livro.

No romance *O movimento romântico*, Alain de Botton conta a história de Alice e analisa seus relacionamentos amoroso sob o que entende ser o olhar da filosofia, da arte ou da psicologia, com vistas a ensinar o leitor a lidar melhor com o amor. Há um capítulo cujo título é “Mergulho, Rousseau e Reflexões em Excesso”. Nele, Alice e seu namorado estão fazendo uma viagem pelo Caribe e, numa determinada manhã, ela desiste de ir mergulhar e o casal inicia uma discussão. Eric, o namorado, acusa-a de pensar demais em vez de aproveitar a vida e mergulhar. Alice, por sua vez, está a fim de conversar sobre a relação. A briga é explicada pelo autor por meio do pensamento de Rousseau e das diferenças entre os intelectuais e os naturalistas. Explicando: Eric, assim como Rousseau, seria um naturalista, para quem os problemas e sofrimentos da vida se originam na reflexão. Já para a Alice, intelectual, a reflexão vem de um problema. Mais adiante, o autor discute qual seria a distinção entre passatempos introspectivos (preferidos de Alice) e passatempos como mergulhar (preferidos de Eric). Nesse momento, Santo Agostinho é evocado para “aprofundar” a discussão:

Mas qual a diferença entre passatempos que conduzem à introspecção e o prazer que se sente em mergulhar ou beber pina colada? No primeiro caso, trata-se de um prazer autocontemplativo, uma forma de masturbação (sempre considerada um parente obscuro da cópula) que carrega consigo velhas conotações da condenação religiosa do ego (quando santo Agostinho dividiu o mundo, ele afirmou que dois tipos de amor criaram duas cidades: “a cidade terrena, simbolizada pelo Amor a si próprio e o desprezo por Deus, e a Cidade de Deus, simbolizada pelo Amor a Deus e o desprezo a si próprio”. Esse tema foi retomado por Pascal em sua afirmativa despojada de qualquer traço de narcisismo: “le moi est haïssable”). (DE BOTTON, 1998, pp. 217 - 218)



A explicação acaba por aí: Santo Agostinho explicado em poucas linhas, Rousseau e o naturalismo em um parágrafo. O autor parece acreditar explicar o motivo da briga para além do senso comum, talvez criando uma ilusão, nas mentes apressadas dos seus leitores, de compreensão e aprendizado de como lidar com os problemas cotidianos do amor.

O primeiro livro de De Botton (e último da lista acima) é *Ensaio de amor*, no qual a proposta é a análise de relacionamentos amorosos, na forma de narrativa escrita em primeira pessoa. Trata-se de um livro definido como um gênero híbrido de romance, ensaio e filosofia, e, em cada capítulo, o narrador analisa seu relacionamento com base na filosofia, na psicanálise, na literatura, na antropologia e na política. Aqui, Alain se propõe a fazer filosofia para o dia a dia de um relacionamento amoroso.

O livro tem 24 capítulos, com vários títulos que evocam grandes teóricos ou teorias, como “Marxismo” e “Acima do bem e do mal”, e cada um conta uma passagem da história entre o relacionamento de Chloe e uma análise do ponto de vista de uma certa interpretação filosófica feita por De Botton. Em um momento, por exemplo, o narrador se pergunta por que considera tão belos e atraentes os traços imperfeitos de Chloe, e em seguida tenta explicar tendo como base a visão kantiana e platônica da estética e da beleza. No capítulo “Marxismo”, o autor procura explicar o amor por meio de sua leitura do pensamento de Marx. Todavia, não se parte da teoria de Marx nem da análise de nenhum de seus livros ou de seus comentadores. O ponto de partida é uma piada que teria sido feita por Marx sobre o desejo de pertencer a um clube:

15. Tem aquela velha piada feita por Marx que ria de não se dignar a pertencer a um clube que aceitasse alguém como ele de sócio – uma verdade tão adequada ao amor quanto aos clubes. Nós rimos da posição marxista por causa de sua absurda contradição: Como é possível que eu deseje entrar para um clube, e perca esse desejo assim que ele se torna realidade? Como era



possível que eu pudesse ter desejado que Chloe me amasse, mas ficasse irritado com ela quando isso aconteceu? (1997, p. 60)

Percebe-se aqui a insistência bastante forçada de Alain de Botton em construir uma narrativa que se vale da filosofia e que pode ser entendida como uma vertente “cult” das retóricas da autoajuda. O pensamento marxista nem chega a ser apresentado, e o que se tem como resultado é um romance com pitadas de autoajuda embaladas como filosofia e vendido como filosofia nas prateleiras de grandes livrarias<sup>5</sup>, algo que poderia dar um ar mais “cabeça” ao consumidor desse tipo de literatura, em oposição àquele que consome a literatura que estampa as prateleiras de autoajuda das grandes livrarias.

## Conclusões

Alain é, como fica evidente em seu currículo<sup>6</sup>, alguém que deixou de lado a carreira acadêmica para se tornar uma espécie de CEO do mercado da filosofia em tempos líquidos. Começou publicando livros e hoje é um dos fundadores que ajudam a gerenciar a The School of Life, originada em Londres e com franquias em Amsterdam, Istambul, Belgrado, Melbourne e Paris.

Ostensivamente, a TSOL se propõe e se dedica a desenvolver a inteligência emocional com a ajuda da cultura. É assim que o texto introdutório do site apresenta o empreendimento, que busca tratar de questões como relacionamento, trabalho, doença e morte. São sete os principais produtos da escola: Classroom, Therapy, Business, Shop, The Book of Life e TV. A escola também faz a manutenção de um perfil no Facebook e no Instagram para cada país em que está presente.

<sup>5</sup> A maioria dos livros de Alain de Botton é categorizada como filosofia nas grandes livrarias pesquisadas. O livro *Essays in love*, especificamente, está na categoria Filosofia em pelo menos duas de grandes livrarias no Brasil: Livraria Cultura e Livraria da Travessa.

<sup>6</sup> Disponível em <http://alaindebotton.com/cv/>, acesso em Janeiro de 2015.



Entende-se “viver melhor” como resultado do cultivo de inteligência emocional por meio da ajuda da cultura, que afastaria os sujeitos de problemas da vida cotidiana. Segundo o vídeo de apresentação da escola no YouTube<sup>7</sup>, esses problemas seriam: neuroses, amargura, depressão, vícios, assassinatos, compulsões, divórcios, raiva, demência e inveja.

Dentre os produtos e serviços que a School of Life oferece, escolho aqui fazer uma breve observação final sobre a TV<sup>8</sup>, que funciona no YouTube, num canal chamado “How to Live”. Há várias séries de programas que “ensinam a viver”: “The Curriculum”, “The Mood” e “Relationships”. No primeiro grupo, há um programa sobre os Estoicos e um sobre Heidegger, por exemplo. Os vídeos têm duração de pouco mais que 5 minutos – menos tempo do que os TED talks que têm, mas não são menos pretenciosos. Muito pelo contrário.

Voltemos então a Epicuro, que, citado na epígrafe deste capítulo, é um dos filósofos apresentados no canal de TV da Escola da Vida. A “grande pergunta” que orienta os 5 minutos sobre Epicuro<sup>9</sup> é “Como ser feliz?”. O narrador – acompanhado de imagens num estilo pop, rápidas, engraçadinhas e subsequentes – começa contanto fofocas sobre a vida de Epicuro (que ele participaria de orgias ou que teria tido 18 orgasmos seguidos numa noite só) e depois passa à questão da felicidade. Para tanto, começa por enumerar três coisas que Epicuro teria classificado como errôneas na busca da felicidade: 1. “Pensamos que felicidade é ter relações sexuais e românticas”; 2. “Achamos que felicidade é ter muito dinheiro”; e 3. “Achamos que felicidade é ter uma vida luxuosa”. Em seguida, o vídeo enumera as três coisas que nos fariam felizes: “amizade”, “trabalhar para si mesmo” e “uma vida calma”. No final do vídeo, há uma afirmação perigosa: a de que o comunismo de Karl Marx nada mais é do que “uma versão madura, corrupta e não bem-sucedida do epicurismo”.

<sup>7</sup> Trailer do canal da escola, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q28W7N6Th58>, acesso em janeiro de 2015.

<sup>8</sup> Canal da escola disponível em <https://www.youtube.com/theschooloflifetv>, acesso em janeiro de 2015.

<sup>9</sup> Vídeo disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Kg\\_47J6sy3A](https://www.youtube.com/watch?v=Kg_47J6sy3A), acesso em janeiro de 2015.



A inspiração para o vídeo vem claramente da *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu) de Epicuro. Surpreendentemente, o conteúdo da carta é bem traduzido no vídeo da Escola da Vida. Todavia, o incômodo permanece.

A primeira afirmação feita nesse texto foi a de que Alain de Botton parecia ter feito da citação de Epicuro guia para sua vida profissional. Parti, portanto, do pressuposto de que ele teria se dedicado a aproveitar a filosofia terapeuticamente de forma a ajudar as pessoas a libertarem as paixões da alma. A The School of Life, por sua vez, também se coloca como uma instituição que auxilia seus adeptos na conquista de uma vida feliz e bem vivida por meio de ensinamentos que visam ao autoconhecimento e, especificamente, no caso do vídeo de Epicuro, à felicidade.

Sem pretender esgotar a análise nesse momento, pode-se ponderar, no entanto, que o consumo de filosofia mobiliza mais a forma do que o conteúdo: em vez de ensinar a viver bem, encontra-se, talvez e apenas, uma expressão da lógica do consumo contemporâneo. O aluno da escola da vida, bem como o leitor de De Botton, se ludibria e se contenta com uma breve sensação de segurança e sentido para a vida, embalada nas rápidas fórmulas “*wanna be* filosóficas” do bem viver expressas em frases do tipo *carpe diem*. Da arquitetura à religião, tudo se transforma em fonte de autoajuda: filosofia líquida para as paixões das almas contemporâneas.

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

DE BOTTON, A. **A week at the airport**. Kindle Edition. New York: Vintage e-books, 2009.

\_\_\_\_\_ **As consolações da filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_ **Como Proust pode mudar sua vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_ **Desejo de status**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_ **Ensaio de amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.



- \_\_\_\_\_ **How Proust can change your life.** Kindle Edition. New York: Picador, 1997.
- \_\_\_\_\_ **How to think more about sex.** Kindle Edition. Macmillan, 2012.
- \_\_\_\_\_ **Kiss & tell.** New York: Picador, 1996.
- \_\_\_\_\_ **Religião para ateus.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- \_\_\_\_\_ **The architecture of happiness.** Kindle Edition. London: Penguin, 2006.
- \_\_\_\_\_ **The art of travel.** London: Penguin Books, 2003.
- \_\_\_\_\_ **The News: a user's manual.** Kindle Edition. Penguin, 2014.
- \_\_\_\_\_ **The pleasures and sorrows of work.** Kindle Edition. New York: Pantheon Books, 2009.
- \_\_\_\_\_ **The romantic movement.** New York: Picador, 1994.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu).** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FREIRE FILHO, J. (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** São Paulo: Companhia das Letras & Penguin, 2011.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- KAPLAN, A. (org.). **O mal estar no pós-modernismo: teorias e práticas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- RUDIGER, F. **Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea.** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- TUCHERMAN, I. **Relações perigosas: autoajuda, mídia e biopoder.** Revista Famecos, Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 315-335, maio – agosto, 2012.